

Economistas vêm País à beira da

São Paulo — Os economistas disseram ontem que o Brasil caminha para a hiperinflação e consideraram fraca a gestão Itamar, segundo eles um governo sem diretrizes econômicas. Para eles, outro ponto grave está no fato de o País ter um ministro da Fazenda, Eliseu Resende, que assumiu o comando da pasta anunciando que nada pode ser feito de imediato para combater a inflação. De uma maneira geral, estas são as principais conclusões do professor Décio Garcia Munhoz, dos economistas José Augusto Savazini e Sérgio Mendonça (este do Dieese) e do empresário Paulo Brito, presidente da Cotia Trading, ontem, durante divulgação da Carta de Conjuntura, no Conselho Regional de Economia de São Paulo.

Como se tivessem combinado, os quatro iniciaram a conversa mais ou menos no mesmo tom: de programas e idéias para ajustar a economia, o País já está cheio. O que falta, na verdade, é uma postura mais incisiva do próprio governo e uma pressão da sociedade. "O Congresso é impotente e o Presidente está desinformado sobre a real situação do País. Além disso, a sociedade se mostra indiferente e cansada de tudo isso", diz o professor Décio Munhoz. No final do ano passado, Munhoz foi chamado para uma conversa com o presidente Itamar Franco, que acabou gerando boatos de que ele iria substituir o então ministro Gustavo Krause. "Fui apenas falar sobre minhas idéias, só isso", garante ele, admitindo que "entrou de gaiato nesta história".

Assim como Munhoz, o economista José Augusto Savazini, que chegou a ser nomeado secretário municipal de Finanças do governo

Maluf mas não assumiu em função de uma crise de estresse, também critica a atuação do governo. "Não vejo vontade política em acabar com a inflação", diz. Segundo ele, as pessoas não podem ficar tranquilas porque a inflação estacionou nos 25%. "Se a sociedade não reclamar pode ser surpreendida por um repique inflacionário a qualquer momento". De acordo com Savazini, não existe inflação estável em 25% ou 26%. "Se, por um milagre, a inflação ficasse em 25% durante os próximos dois anos, a distribuição de renda seria das mais cruéis".

Na opinião de Sérgio Mendonça, do Dieese, com a continuidade desta crise econômica o País corre graves riscos políticos na manutenção das regras democráticas. "O Estado deve ter força para definir ganhadores e perdedores, pois não acredito que apenas as leis de mercado consigam isso", diz Mendonça. Segundo ele, é preciso uma reforma fiscal com capacidade de tributar os estoques de riqueza. A principal crítica desses economistas é quanto à falta de definição do governo. Para eles, de nada adiantam as discussões em torno da reforma tributária ou da revisão constitucional sem um posicionamento do governo.

Para o empresário Paulo Brito, presidente da Cotia, o risco da hiperinflação existe em função da "hiperdesconfiança" dos agentes econômicos e da sociedade no governo. "O Brasil é uma empresa em concordata, mas com patrimônio suficiente para cobrir seus débitos. Só que essa empresa liquida seus ativos, seu patrimônio — isto é, as ações das estatais, de maneira desordenada", considerou.

Quinta-feira, 1/4/93 • 7

hiperinflação

Ana Araújo 5.1.93